

**A DOR E A LÁGRIMA NO CINEMA E NA LITERATURA: UM ESTUDO  
PRELIMINAR**

**THE PAIN AND THE TEAR IN CINEMA AND LITERATURE: A PRELIMINARY  
STUDY**

**Silvana Nath<sup>1</sup>  
Acir Dias da Silva**

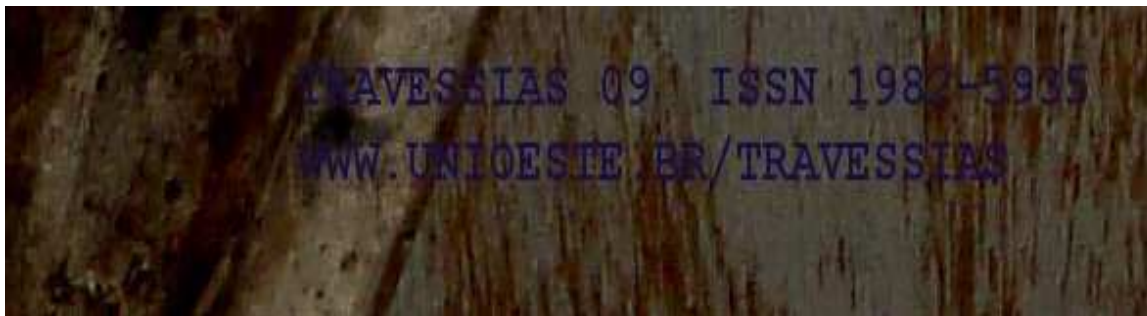
**RESUMO:** Este artigo está pautado nas obras literárias e fílmicas *Anna Karenina*, *A Dama das Camélias* e *Lucíola*, em que se pretende estabelecer relação entre as respectivas protagonistas que apresentam sentimentos semelhantes quanto ao amor, ao sofrimento e as lágrimas, e que, no decorrer de suas trajetórias de vida seus destinos culminam para o mesmo fim, a morte. Busca-se compreender como a dor e as lágrimas estão vinculadas às lembranças do passado, ou seja, como a memória se manifesta em suas consciências mostrando-lhes a impossibilidade de permanência, ou mesmo de futuro na sociedade à qual pertencem. Pretende-se analisar a imagem desta mulher sofredora, cujo sofrimento é proveniente do amor não correspondido, ou mesmo da impossibilidade de amar e ser amada de forma íntegra e completa. Renunciam ao amor, mas a manifestação da memória as atormenta e as leva à própria autopunição e autocondenação, pois não se sentem dignas de constituírem um relacionamento familiar numa sociedade que pune e denigre a imagem da mulher prostituta ou adúltera. A alternativa encontrada é a morte, única opção que irá livrá-las deste meio social que as condena e não lhes proporciona uma segunda oportunidade. Portanto, a morte pode ser compreendida como a moralidade da sociedade, em que, as heroínas precisam morrer para não denegrir a imagem das demais mulheres do contexto social ao qual estão inseridas. Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica e intertextual entre as diferentes obras acima elencadas, partindo de diferentes pressupostos teóricos acerca dos temas propostos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Dor, Lágrimas, Amor, Memória, Morte.*

**ABSTRACT:** This article is based in the literary works and filmic *Anna Karênina*, *The Lady of the Camellias* and *Luciola*, in which we want to establish the relationship between the respective protagonists who have similar feelings about love, suffering and tears, and, during their life trajectories their destinations culminate to the same purpose, death. We aim to understand how pain and tears are linked to memories of the past, or, how the memory is manifested in their minds by showing them the impossibility of permanence, or even a future in society to which they belong. It is intended to analyze the image of such suffering woman whose suffer comes from unrequited love, or even the inability to love and being loved integral and completely. They renounce to love, but the manifestation of memory, torment them and lead them to their own self-punishment and self-condemnation, because they do not feel worthy of raising a family relationship in a society that punishes and denigrates the image of the prostitute or adulteresses. The alternative is the death, the only option that will freed them of this social environment that

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da UNIOESTE. E-mail: [silvananath@bol.com.br](mailto:silvananath@bol.com.br).

**Silvana Nath  
Acir Dias da Silva**



condemns and does not give them a second chance. So, death can be understood as the morality of society, in which the heroine must die to not denigrate the image of other women in the social context in which they belong. This work it is a literature and intertextual research among the many works listed above, starting from different theoretical assumptions about the purposed topics.

**KEY-WORDS:** *Pain, Tears, Love, Memory, Death.*

## A DOR, A LÁGRIMA E A MORTE

O presente estudo está pautado nas obras literárias e fílmica: *Anna Karenina*<sup>2</sup>, *A Dama das Camélias*<sup>3</sup> e *Lucíola*<sup>4</sup>, em que se pretende estabelecer relação entre as respectivas personagens que apresentam um contexto de vida voltado para o amor, o sofrimento e as lágrimas e que, por fim culminam para o mesmo fim, a morte.

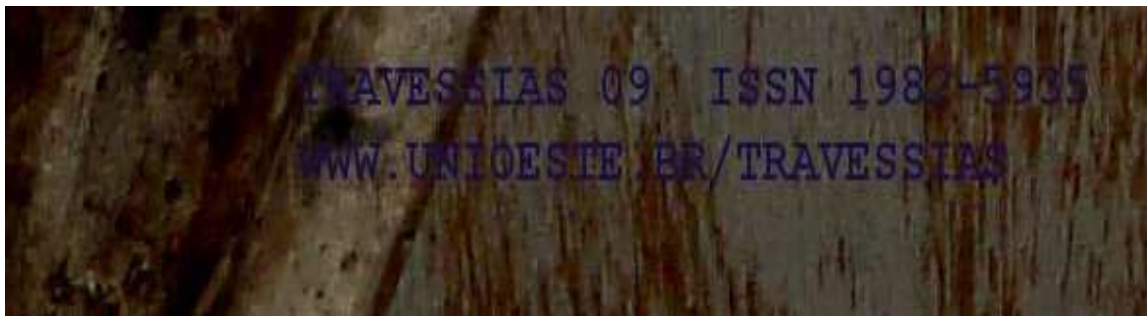
A morte, é visualizada como a expiação, a condenação que conduz ao sacrifício humano, o arrebatamento de si mesmo, que possibilita ao telespectador visualizar a importância do caminho correto frente à vida mundana, caso contrário, o destino é a morte. Sob a perspectiva moral e religiosa, a morte é a punição, o destino para o qual a alma culmina, ou seja, “o destino desliza ao encontro da morte. Não é castigo, mas expiação, expressão da entrega da vida em culpa à lei da vida natural” (BENJAMIM, 2004, p. 135). Portanto, sob o ponto de vista religioso, moral e social, não há lugar e nem mesmo possibilidade de continuidade para o amor na vida terrena de Ana, Marguerite e Lúcia.

Na vida de Marguerite e Lúcia, a morte pode ser compreendida como um ato por amor, pois o “amor pode mesmo nos levar a morrer por aquele a quem amamos” (PHILIPPE, 1998, P. 35). Elas morrem para deixar livres seus amados, para que eles possam ter uma vida social normal e não serem excluídos da sociedade. A doença em suas vidas é a manifestação da moralidade religiosa e social, é uma doença física, mas também espiritual, é a punição pela vida libertina, ou

<sup>2</sup> A obra fílmica *Ana Karênina* (1948), do diretor Julien Duvivier é baseada na obra literária de León Tolstoi, publicada entre 1873 e 1877.

<sup>3</sup> A obra fílmica *A Dama das Camélias* (1981), do diretor Mauro Bolognini é baseada no romance de Alexandre Dumas Filho, publicado em 1848.

<sup>4</sup> A obra fílmica *Lucíola* (1975), do diretor Alfredo Sternheim é fundamentado no romance de José de Alencar publicado em 1862.



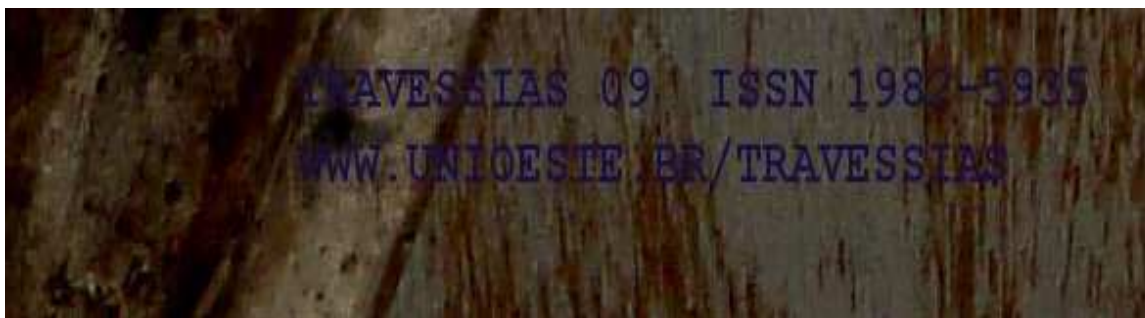
seja, a doença para elas é “um desequilíbrio, uma desarmonia [...] a marca de uma falha moral. [...] A doença pertence a desordem, ao mal” (DURAND, 1995, p. 105). A entrega à doença é a forma que Marguerite e Lúcia encontram para se punir e livrar-se da culpa e do pecado que a afligem por meio das lembranças e da memória.

Enquanto que a morte de Ana é expressa como forma moralista de “salvar a honra conjugal pretensamente ameaçada” (BENJAMIM, 2004, p. 228), numa época de transição de valores religiosos e sociais. Portanto, seu suicídio é uma forma de vingança, ruptura e insatisfação para com as leis sociais, morais e religiosas que lhe proporcionou tantas desilusões, dor e lágrimas. No seu caso, a morte surge como impossibilidade de encontrar outra solução para sua existência e seu destino, passa então a negação da vida.

A dor em Ana, Marguerite e Lúcia é proveniente do amor não correspondido, ou mesmo da impossibilidade de amar e ser amada de forma íntegra e completa. A renúncia ao amor e o pecado que as atormenta, as leva à própria autopunição e autocondenação, pois não se sentem dignas, frente às concepções religiosas da época, de constituírem um relacionamento fraterno e familiar numa sociedade que pune e condena a imagem da mulher prostituta ou adúltera, não possibilitando a esta o perdão e o recomeçar de uma nova vida. Esta renúncia é o ideal do Cristianismo que “prega a renúncia e a abdicção da vontade [...] propõe a renúncia a toda a vontade de viver, o alegre abandono do mundo, em plena consciência de que ele nada vale e nada é” (BENJAMIM, 2004, p. 114). Esta pregação influencia a entrega à morte das protagonistas que negam suas vontades e desejos diante do mundo, ao crer que sem os valores religiosos e divinos nada tem valor e não há possibilidade de continuidade.

A alternativa para tanta dor é a morte, única opção encontrada para livrá-las deste meio social que as condena e não lhes proporciona uma segunda oportunidade. O suicídio e a doença retratam a moral social, em que as heroínas precisam morrer para não denegrir a imagem da mulher no meio social ao qual estão inseridas. A morte trágica pode ser compreendida como um “sacrifício expiatório [...] morte sacrificial que inaugura [...] uma justiça vindoura” (BENJAMIM, 2004, p. 115), ou seja, a esperança é que a tragicidade da morte possibilite a redenção e a purificação por meio do sofrimento em vida e do trágico fim.

O período que antecede a tragicidade da morte será o momento das lembranças do passado, a saudade da infância, do campo, da pureza do corpo e da alma, ou seja, de uma vida



que não é possível retomar e não fornece possibilidades de construção de um novo presente, portanto, não há perspectiva de futuro. Neste contexto, a memória exerce fator intrínseco para a decisão final, ao manter as lembranças vivas e nítidas, não deixando o indivíduo esquecer o seu passado, seus vícios e suas virtudes no decorrer da trajetória de vida.

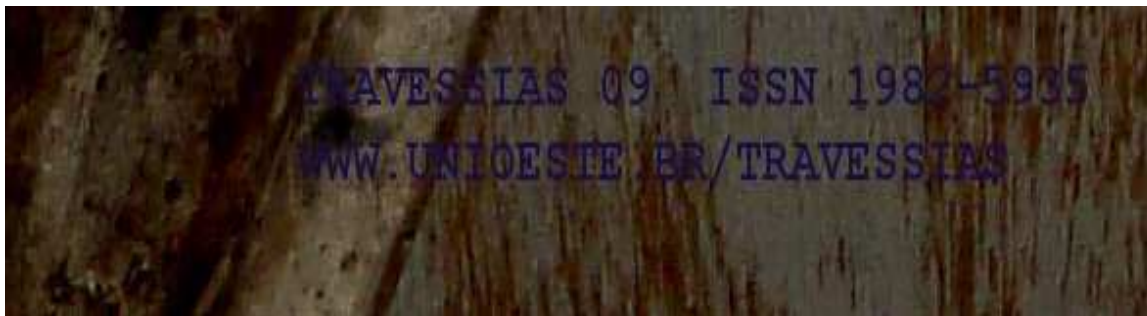
A morte pode ser visualizada de diferentes formas, sob o viés negativo é o fim, a destruição da existência, a fatalidade, o pessimismo, a desilusão e o desprendimento da materialidade. Por outro lado, a morte introduz a alma no mundo desconhecido, é o acesso a uma vida nova, portanto libera a ascensão do espírito, possibilita a regeneração e a evolução, libera a alma das penas, culpas e preocupações por meio da mudança e do progresso espiritual.

Ao pensarmos sobre a morte, automaticamente surge em nossa mente a idéia da escuridão, é como se fossemos levados para o obscuro da existência, incute em nosso subconsciente a imagem do medo, da angústia, da dor e do sofrimento. Aspectos evidenciados diante da perda de alguém, de um amor, ou mesmo, a perda eterna, demonstrada por meio das lágrimas e do sofrimento diante da inaceitação da tragicidade do destino que priva as pessoas da companhia e da convivência com outras frente à morte.

Portanto, a morte pode acontecer de diferentes formas: natural, suicídio ou a doença. Neste estudo o foco centra-se na morte das protagonistas que ocorre por meio da doença e do suicídio, ou seja, o desfecho trágico acontece devido a rigorosidade da moral. “A ação pela qual o indivíduo põe fim deliberadamente a sua vida é, desde muito tempo, sujeita aos mais contraditórios julgamentos morais [...] sofre veemente condenação tanto pelas leis eclesiásticas quanto pelas civis” (VIANNA, 1999, p. 45).

O gesto do indivíduo suicida é visualizado como uma agressão imoral e ato criminoso ao próprio ser, proveniente dos abusos do corpo e da alma, que segundo o Cristianismo

[...] a morte voluntária constitui a ação criminosa da qual o autor vem a ser ao mesmo tempo vítima, ligando-o ao pecado da carne. Não raro era a luxúria invocada como uma das suas causas [...] a autopunição, forma de agressividade que atinge até mesmo a vontade de destruir-se a si próprio, procede da frustração e dos conflitos do inconsciente (VIANNA, 1999, p. 46).



O ato suicida reporta a perda da esperança pela alma, a loucura, a revolta consciente contra si próprio e contra a ordem social, é a falta de integração no grupo social e a falta de crença religiosa em que o indivíduo acaba por impor sua própria morte, ou seja, “pela morte ele faz soar seu protesto como uma reprimenda. Matando-se, o servo denuncia os danos que sofreu, exalta, ao preço de sua própria vida, um valor supremo, a justiça” (VIANNA, 1999, p. 48).

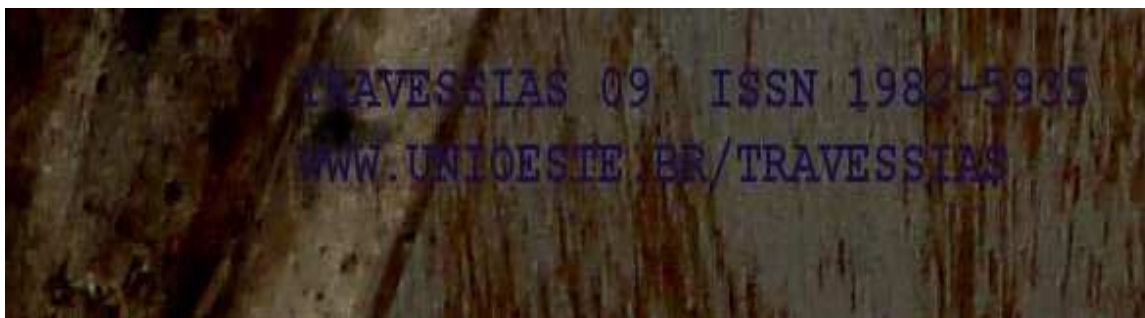


Ilustração 1: Fotograma de Ana nos trilhos do trem.

Ana se suicida nos trilhos do trem (*Ilustração 1*), é a sua revolta contra as leis e a moralidade, é o seu grito de protesto, a denuncia da sociedade, a forma de vingança que em seu interior prevalece sob o desespero desolador e silencioso que assola sua alma por meio de sentimentos contraditórios que a confundem e a deixam atônita.

A humilhação, o desejo de agir, a decepção aguda, o fracasso das opções escolhidas, a revolta pelo dom amoroso sem resposta, [...] um desejo dúbio de agressão, contra o outro e contra si própria. Ela parece introjetar a moral punitiva da sociedade e transforma-se no alçó de si mesma. Ana [...] termina por atirar-se sob as ferragens do trem ainda dividida por um último conflito entre o desejo de morrer e o de permanecer viva (VIANNA, 1999, p. 57 – 58).

A morte de Ana nos trilhos do trem, conforme observa-se na *Ilustração 1*, nos reporta aos sonhos, lembranças e pressentimentos que ela tinha no decorrer da obra fílmica, as ferragens a



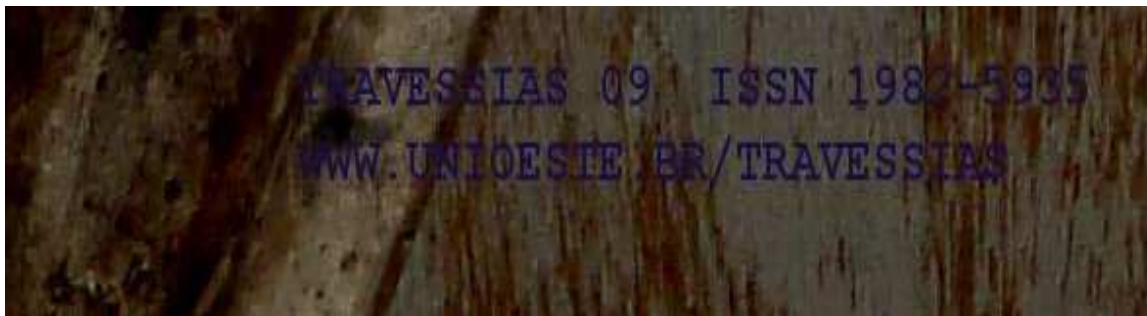
amedrontam e atormentam seu ser, e por fim acabam por esmagá-la, pode-se compreender esta passagem como a metáfora da sociedade que é oprimida pela ansiedade estonteante da vida moderna. Portanto, sua morte está ligada com o movimento de transformação social da época com relação a sociedade, mudança na qual a mulher deve participar e não ficar ausente.

Na obra filmica *Anna Karenina*, a morte está presente logo nas primeiras cenas quando o trem atropela um ancião, essa imagem ficará gravada na memória de Ana como um prelúdio dos acontecimentos futuros, é como uma premonição, um aviso trágico frente as conseqüências das suas decisões e de seus atos a partir daquele momento.



Ilustração 2: Fotograma do filme *Anna Karenina*.

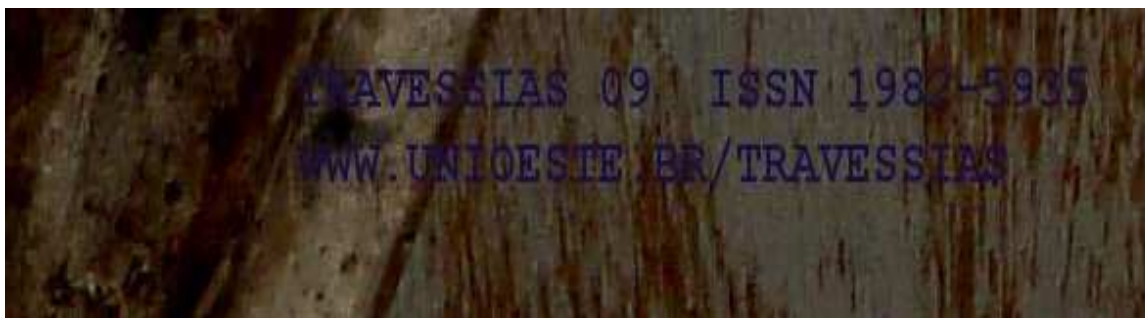
Porém, Ana tenta fugir da introspecção desta imagem (*Ilustração 2*), ignora e finge não ver, mas o tilintar do martelo a amedronta, a deixa aflita e angustiada, é uma sensação que lhe causa dor e medo. Ana visualiza o ancião e o tilintar do seu martelo na estação de trem, é lá que ela conhece Vronski, reencontra-o e irá morrer. O ancião representa a morte que por diversas vezes passa por ela na estação, mas ela ignora e se recusa a olhá-lo de frente, ou mesmo encará-lo. Portanto, a *Ilustração 2* é dotada de sentimentos e influência Ana a refletir sobre sua vida, pois, esta representação imagética impressiona, aflige e perturba as atitudes da protagonista, que ao visualizá-la tenta fugir da introspecção aflitiva que tumultua seu ser.



Ana se sente acuada frente às opções de vida que fez, o sofrimento que não lhe causa doença, mas que a leva ao desespero, fazendo com que ela tome atitudes impensadas e incoerentes, desafia as leis, a moral e a própria sociedade. Em nenhum momento recua ou sente-se fragilizada, mantém sua postura ativa e forte, mesmo que seja apenas no plano externo, pois no seu interior suas forças se dissipam aos poucos até atingir o ápice, que é quando ela opta pelo suicídio, pois acredita que através da morte será possível sensibilizar o coração das pessoas à sua volta, portanto a opção que faz pela morte é uma forma de vingança para com este modelo de sociedade existente. Porém, espera uma mudança de valores até o último momento, quando então percebe que não há essa possibilidade, a dor invade seu ser, sua alma e seu corpo, não visualiza outra saída. A solidão invade seu “eu”, as lágrimas despontam de seus olhos e o tempo se encarrega de tornar sóbria, triste e gelada aquela decisão involuntária para a qual sua vida se encaminha. Seu olhar se volta para o alto, é como se ela esperasse uma providência divina frente ao seu sofrimento, mas esse amparo não desestabiliza sua decisão, ela precisa apagar o seu passado, as lembranças. Ao andar em direção aos trilhos do trem, ela encontra uma forma de autopunição, devido ao abandono do filho e do marido para viver uma aventura extra-conjugal, a perspectiva da morte surge como possibilidade de rompimento, ou mesmo como o desabrochar de uma vida nova para ela e a construção de novos princípios para aquela sociedade, como é citado pelo próprio Aliexiei Alieksándrovitch Karênin no decorrer da obra fílmica que “As novas propostas causarão uma tempestade na lei.”

Na perspectiva religiosa, a morte enquanto punição ou castigo de Deus deve estar relacionada com a leviandade dos sentimentos terrenos, ou mesmo, das ações infames e pecadoras cometidas pela humanidade no decorrer da trajetória de vida terrena. Os pecadores e o gesto de infâmia e o fim a eles destinado é revelado pelo Apocalipse “Os túbios, os inficéis, os depravados, os homicidas, os impuros, os maléficis, os idólatras e todos os mentirosos terão como quinhão o tanque ardente de fogo e enxofre, a segunda morte” (APOCALIPSE, 21:8).

A infidelidade, a depravação, a impureza e a maledicência são características que permeiam o contexto de vida de Ana, Marguerite e Lúcia. Em Ana predomina a infidelidade e o adultério para com o marido no contexto matrimonial. Ela “transgride as normas da fidelidade matrimonial e se deixa levar pela paixão” (VIANNA, 1999, p. 59). Segundo o catolicismo, o matrimônio é uno e indissolúvel, conforme se verifica “Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, não



separe o homem o que Deus uniu” (MATEUS, 19:6). O divórcio, portanto, não é permitido e à Ana resta a reclusão moral e social mediante a sociedade, esta situação a conduz ao desespero, à inaceitação dos valores morais e religiosos, pois para ela a felicidade e a realização pessoal encontravam-se em primeiro plano. Enquanto que em Lúcia e Marguerite predomina a luxúria, a depravação, a impureza e o pecado, que farão com que elas sintam-se indignas do perdão, da vivência do amor e da continuidade de vida terrena.

Por outro lado, a Igreja ou a religião tornam-se intermediários entre os vivos e os mortos, entre os justos e os pecadores, afinal a morte não é proveniente de Deus, mas sim do pecado “Deus não é o autor da morte, a perdição nos vivos não lhe dá alegria alguma” (Sabedoria, 1: 13), ou “por isso, como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado da morte, assim a morte passou a todo gênero humano, porque todos pecaram...” (Romanos, 5:12). Portanto, segundo o cristianismo, toda a humanidade é pecadora e se encaminhará para a morte, todos morrem, porém, de acordo com o nível da fé, da sabedoria e dos pecados terrenos podem adquirir vida nova, revigorar-se, renovar-se e ressuscitar em Cristo.

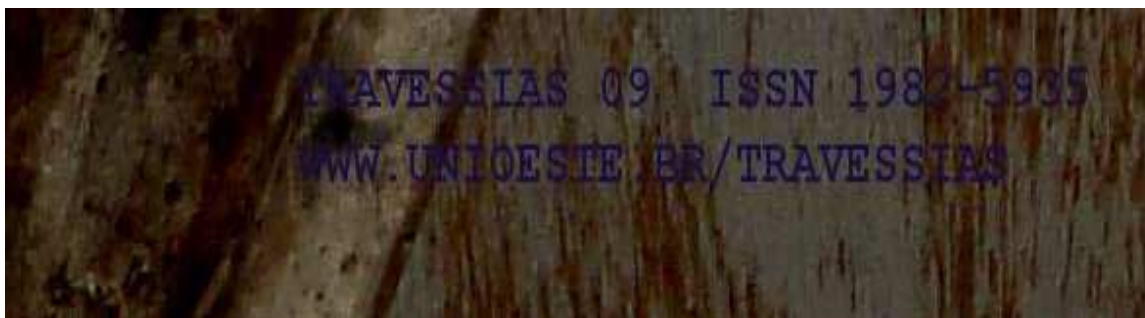
As pessoas ao adquirirem uma doença ou ao perceberem que a morte se aproxima, nos últimos instantes/momentos de vida buscam restaurar o passado, os erros, os atos falhos e impensados na conquista do perdão divino. A memória é evidenciada na busca pela compreensão e encontro com o “eu interior” para encontrar explicações quanto ao rumo que a vida seguiu e que culminou para o fracasso e a perda de identidade, razão que estará focada nas lembranças do passado.

A mente do ser humano é um reflexo direto da *mens* divina e possui dentro de si todos os poderes [...]. Quando o ser humano adquire o corpo, ele não perde a divindade de sua mente e pode recuperar sua natureza divina completa, [...] graças à experiência religiosa hermética, na qual a luz e a vida divinas dentro de sua própria *mens* lhe são reveladas (YATES, 2007, p. 190).

A memória nos auxilia a recordarmos as coisas passadas, para que seja possível compreendermos melhor os acontecimentos presentes e assim possamos contemplar o futuro, na perspectiva de estabelecer uma relação entre os acontecimentos no tempo e no espaço.

Em meio às recordações e a impossibilidade de mudança do presente, surge a doença que, metaforicamente pode ser visualizada como a fuga da sociedade, dos padrões morais e religiosos,





mostra a impossibilidade de existência de futuro para as cortesãs, não é propriamente a doença corporal, mas a doença da alma, o pecado que atormenta o espírito e inquieta o ser interior, levando-as a auto-condenação.

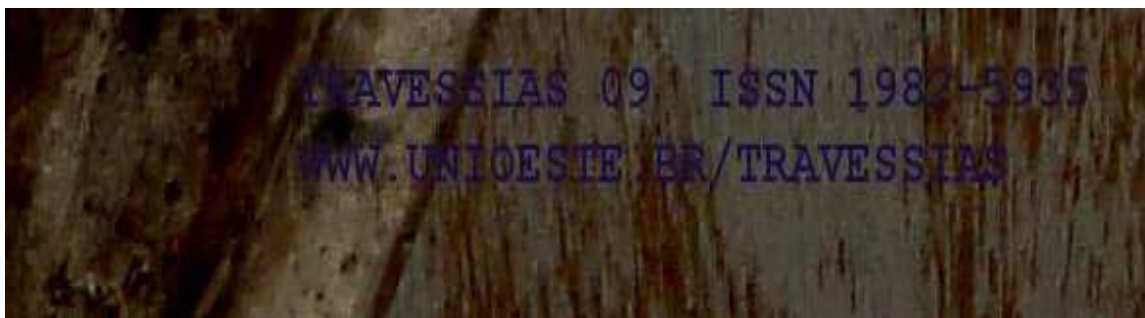
A doença na vida de Marguerite e Lúcia pode ser visualizada como a instabilidade, dissonância, desgosto, falta de dignidade, constrangimento, pois “qualquer doença é mais ou menos “vergonhosa”. Sob esta perspectiva pode-se compreender a doença como a culpa, a punição e o descontrole, pois se manifesta apenas no decorrer da vida indecorosa de pecado, elucidativa a concepção moral da sociedade à qual estão inseridas. A doença, portanto, é a representação do mal, das impurezas do corpo que convergem para a petrificação da alma.

Em meio a este rol de incertezas e angústias, dor e tristeza, doença e sofrimento, as lembranças exercem papel preponderante e sólido na memória, e a concepção que prevalece é a de que elas não têm direito ao amor, que este sentimento é impossível e inatingível, portanto, assumem a posição de objeto que não tem direito a voz, são relegadas ao silêncio, à submissão e aceitação. Não resistem à renúncia deste amor, então, se entregam à morte, ao visualizar que não há outra possibilidade de vida naquela sociedade impregnada de valores.

Neste contexto a memória ao suscitar lembranças do passado pode estar vinculada à moralidade e à religiosidade, pois todas as coisas são passíveis de esquecimento no decorrer do tempo e da vida, mas o tempo é eterno e, portanto, inextinguível/imortal devido às lembranças que permanecem intactas e gravadas na memória impossibilitando o esquecimento.

A Prudência, sob suas várias formas de similitude, é um tema simbólico [...], suas três partes podem ser vistas como: *memória*, ao lembrar vícios e suas punições no Inferno; *intelligentia*, ao utilizar o presente para fazer penitência e aprimorar virtudes; e *providentia*, ao visar o Paraíso. Nessa interpretação, os princípios da memória artificial, [...] estimulariam a visualização intensa de muitas similitudes, no grande esforço de fixar na memória o esquema da salvação e a complexa rede de virtudes e vícios, com suas recompensas e punições (YATES, 2007, p. 126).

A memória tem a função de manter na consciência as punições frente à culpa e ao pecado, ou seja, é a consciência agindo na memória de forma a instigar o indivíduo para sua própria autocondenação e autopunição, utilizando-se das experiências vividas para rever o presente a

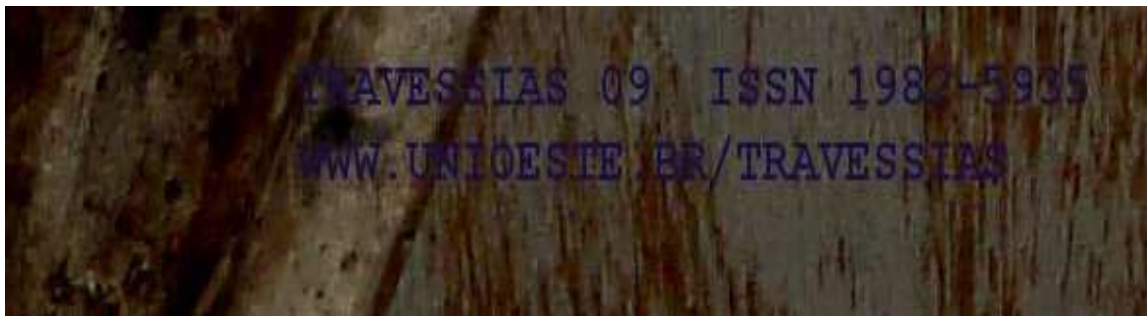


partir das experiências do passado, na busca pela aquisição da salvação, por meio da punição pelos erros cometidos.

A memória faz parte da Prudência, segundo Yates (2007, p. 86), a Prudência se torna um *habitus* moral quando é utilizada para lembranças de fatos passados na perspectiva de possibilitar uma conduta prudente no presente, e estimular um olhar prudente sobre o futuro. As lembranças estarão evidenciadas por meio das protagonistas nas constantes recordações do passado, que as levam a sentir vontade de retornar no tempo, devido à saudade, a tristeza, a dor, é o desejo de mudar de vida e agir de outra forma para que o sofrimento se tornasse mais cauteloso e possibilitasse a esperança no futuro.

Na obra fílmica *Anna Karenina*, as lembranças de Ana estão evidenciadas em diferentes momentos: à saudade que sente do filho, da vida social que tinha e que agora esta mesma sociedade que a admirava, a exclui, impossibilitando a ela a continuidade e permanência nesta. Os constantes sonhos que Ana tem que a leva a angústia existencial, pois os sonhos a atormentam e inquietam sua consciência e seu ser. O marido que por meio de suas palavras está freqüentemente relembando-a de suas obrigações religiosas devido ao casamento, a união por Deus, a punição mediante o descumprimento das leis, aspectos que a deixam desesperada, em busca de uma alternativa que a livrasse da culpa e do pecado. Ana foge dos momentos de revelação, como se estes viessem para lhe mostrar seus erros e avisá-la quanto à impossibilidade de futuro, ou seja, “o passado rememorado no *presente* para bem agir no futuro [...] reconstruindo incessantemente nossa memória, produzindo imagens para serem lembradas em meio às emoções da vida presente, educando a memória futura” (ALMEIDA, 1999, p. 114 - 115). A protagonista passa então, a compreender o amor como parte do passado, afinal “era muito tarde...” para recuperar o passado, ele já passou, não há mais possibilidades de recuperá-lo, portanto, não haverá futuro, assim como a luz que se apaga, sua vida segue o percurso e se encaminha para a morte, a passagem para outro nível, a ruptura com os valores morais e religiosos terrenos.

A lembrança é a recuperação do conhecimento ou da sensação ocorrida. É um esforço deliberado para encontrar seu caminho entre os conteúdos da memória, perseguindo aquilo de que se quer lembrar. [...] Platão novamente desenvolve o tema de que o conhecimento da verdade e da alma consiste na lembrança, na lembrança das Idéias já vistas por todas as almas, e das quais todas as coisas



terrenas são cópias infieis. Todo conhecimento e todo aprendizado são tentativas de recordações das realidades (YATES, 2007, p. 54 - 58).

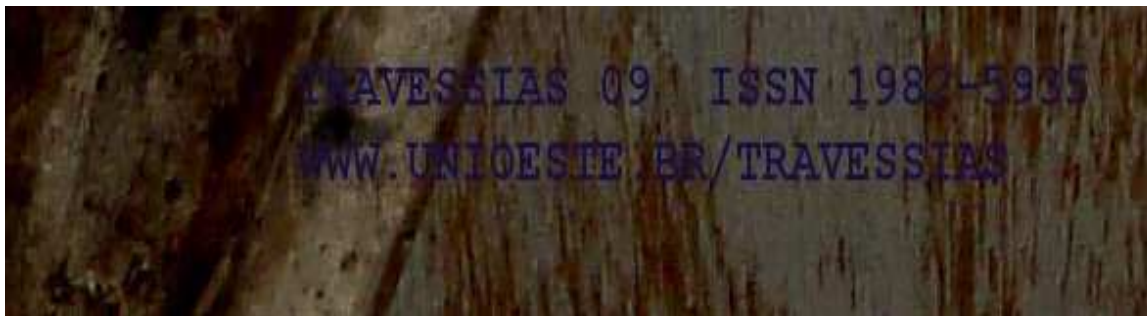
A memória representa algo do passado, mas que age instintivamente a partir dos acontecimentos do presente, levando o indivíduo as rememorações das imagens impregnadas em sua mente a partir das lembranças. Portanto, “essa evocação da memória por meio das lembranças é pautada, também por sensações e imagens muitas vezes difíceis de serem ditas em palavras, mas muitas vezes possuindo um significado visível: um olhar longínquo” (BARBOSA, 2009, p. 82).

Marguerite sente saudades da sua infância, esta fase é um momento de sua vida que representou calma e tranquilidade, por meio das lembranças sente medo que Armand se arrependa do seu amor ou que relembre seu passado e a abandone a vida desregrada que levava. Ao refletir sobre o futuro, este não lhe dá possibilidades de concretização devido ao seu passado, portanto impossibilita a continuidade deste relacionamento.

As recordações na vida de Marguerite contribuem para que ela sinta o peso da culpa e o medo pela vida que escolheu. A sociedade a condena, a ela não há possibilidades de um amor, de um relacionamento estável, não há perspectiva de futuro, o isolamento da cidade, a busca pelo campo, é uma forma de fugir da introspecção da sociedade e iniciar uma nova vida, livre do pecado e da culpa, mas a sociedade vai até ela para lembrá-la do seu passado, da sua vida. Estas recordações a fazem adoecer, e a doença se fortalece e, não havendo outra saída, a que resta é a morte, em que busca nesta a solução para sua vida de pecados e culpas, portanto,

As virtudes [...] trazem à lembrança pensamentos, atos, gestos, costumes, histórias pessoais, histórias exemplares, um aglomerado de ações e moralidades que uma pessoa tem em sua memória e experimenta em seu corpo, ao deparar-se com duas figuras opostas, o fiel faz um exame em sua consciência, e verifica se é-foi-será, [...] prudente ou imprudente (ALMEIDA, 1999, p.45).

O lado virtuoso nas protagonistas não as deixará tranquilas quanto a sua consciência, estarão constantemente sentindo-se indignas do amor e da felicidade, é como se houvesse uma duplicidade de caráter como no caso da obra *Lucíola*, em que Alencar coloca “na mesma mulher, as duas imagens femininas da época: a virgem pura e a cortesã. Essas duas mulheres (Maria e Lúcia), embora reunidas, são pessoas diferentes: Maria é a alma, Lúcia é o corpo” (LEITE, 2007,



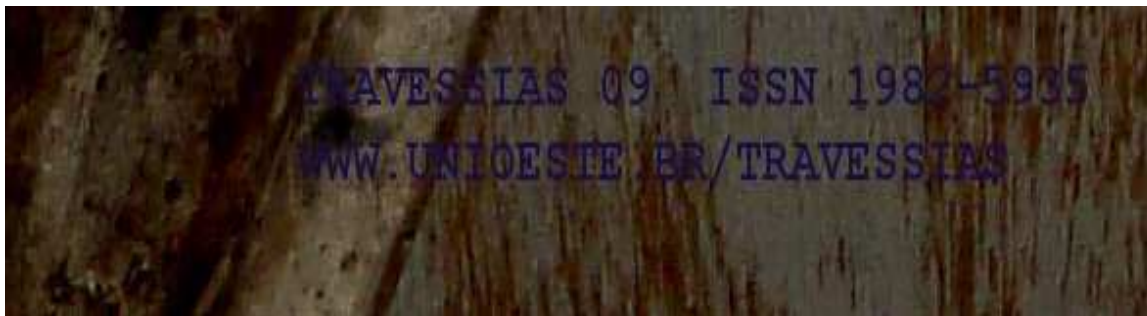
p. 81). Portanto, em Lúcia, os tormentos e memórias iniciam quando ela conhece o amor, por meio de Paulo. As lembranças da infância, da vida anterior à prostituição a conduzem a busca pelo encontro com seu interior, a fim de encontrar respostas que viessem a acalantar seu coração e sua alma, acredita que através do amor de Paulo possa atingir a regeneração do seu corpo e assim possa ter uma vida nova e pura. A mudança de identidade lhe traz a esperança de renovação, mas as imagens que estão impregnadas em sua memória são mais fortes, e, sua própria consciência não a liberta para a vivência e concretização deste amor. Neste contexto, “as imagens devem ser vividas, impressionantes, carregadas de afetos emocionais, para que consigam atravessar as portas que encerram o depósito da memória” (YATES, 2007, p. 363 -364).

Neste sentido, as imagens que se evidenciam na memória de Lúcia e que a leva às lembranças amargas do seu passado, são significativas, emotivas e comoventes, deixam transparecer os momentos de sofrimento e angústia, mas também trazem recordações positivas e marcantes da sua infância, fazendo-a refletir sobre sua trajetória de vida terrena, então, a ansiedade e a angústia inundam seu ser e busca incessantemente mudar sua história e construir um novo presente, em que haja perspectivas de futuro.

Lúcia apresenta por meio das lembranças da sua infância, a necessidade de encontrar-se interiormente, ou seja, com a Maria da Glória, a menina ingênua que ela deixou para trás aos quatorze anos, esta busca é a forma que ela encontra para recuperar a inocência e a infância perdidas no tempo e nas recordações.

“Busco imaginar o passado, para entender o presente” (ALMEIDA, 1999, p. 27), é neste contexto que se insere Lúcia, que ao relembra acontecimentos da infância e juventude busca explicações para as aflições e inquietações que atingem sua alma no momento presente e que a leva a abnegação quanto à entrega ao amor de Paulo, fator que a conduz ao sofrimento por não sentir-se digna e apta para corresponder a um amor, que segundo ela, é puro e inofensivo. O sentimento do amor se torna contraditório neste contexto, pois ao invés de conduzi-la a felicidade, à realização plena, guia o indivíduo ao sacrifício, a autopunição, à infelicidade, por sentir-se indigna de uma vida estável, calma, tranqüila no âmago do amor.

As protagonistas buscam o prazer e a felicidade fora da família para a qual pertencem na esperança de conquista da emancipação feminina mediante a sociedade, porém esta não permite à mulher o desfrute e o prazer, estes são sentimentos e ações relegados apenas ao homem, pois é



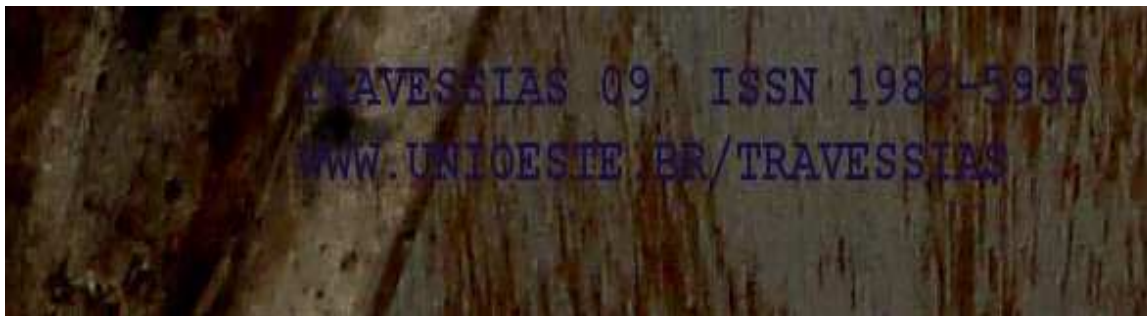
necessário preservar a ordem e a moral, portanto, a mulher deve ser submissa às leis e à instituição familiar. O desrespeito aos padrões morais culmina para a punição por meio da morte.

Ana Karenina, Marguerite e Lúcia buscam através da morte o encontro com o seu “eu” interior, o ápice na concretização dos seus anseios, ou mesmo a revolta consigo mesmas, como uma forma de repressão e autopunição frente à leviandade do sentimento da paixão, na qual se deixam levar no decorrer da narrativa.

A morte, para as protagonistas seria a forma encontrada para a purificação e expiação de suas culpas, faltas e pecados frente à sociedade à qual estão inseridas, como forma de libertação da alma e do espírito e o início de uma nova vida, livre dos sentimentos de culpa, pecado e das lembranças que até o momento permanecem vivas e impregnadas em suas memórias, ou mesmo pode ser compreendida como o momento de abandono, de fragilidade ou mesmo fraqueza humana mediante a necessidade de assumir o destino, que foi construído e efetivado no decorrer de suas trajetórias históricas e sociais, portanto, elas se visualizam num momento sem saída, em que a única alternativa é o suicídio, a ruptura com aquele momento e com o que ficou para trás, ou seja, o rompimento com o passado. Representam assim o tipo de “mulher eterna pronta para sofrer e morrer pelo homem a quem tinham dedicado sua afeição” (KAPLAN, 1995, p. 62).

Quando as protagonistas renunciam à carreira, à vida social, à família, para viverem este amor, verifica-se que este sentimento avassalador as leva à desilusão, a autodestruição, para o fim trágico por visualizar a derrota interior diante da grandiosidade deste sentimento que não apresenta saída, futuro, ou mesmo retorno do tempo. As lembranças que agora vêm à tona na memória, apenas enfatizam o que poderia ter sido diferente, mas que não foi, porém deixou marcas na memória e no tempo, pois “o tempo nunca está [...] parado e isolado [...] um tempo que não se faz tempo que transcorre, mas tempo que dura. Duração. Eternidade em movimento” (ALMEIDA, 1999, p. 37). O transcorrer do tempo possibilita que determinadas imagens da memória se apaguem, porém as que impressionam realmente deixam suas marcas e não se apagam. Enquanto que “as imagens devem ser impressionantes, ativas, incomuns e capazes de estimular a memória pela emoção” (YATES, 2007, p. 340), ou seja, as imagens devem ser carregadas de sentimentos e de afetos, além de estimular as lembranças.

A morte pode ser o fim, assim como pode simbolizar o início de uma nova vida. Possibilita o encontro com a intimidade. É a libertação dos vínculos e atitudes terrenas, na perspectiva de



atingir pela morte a purificação e a regeneração do espírito. A morte seria a forma de negar as leis e a moral da sociedade, denunciando e desprezando o sistema vigente, de forma a suscitar a construção de novos valores.

O passado, as lembranças, a dor, as lágrimas e o final trágico estão vinculados ao período romântico que ressalta a infância, a natureza e o final infeliz, aspectos que culminam para o sofrimento e as lágrimas. As lágrimas simbolizam a dor, a infelicidade, por outro lado, é a representação da alegria, do prazer e da felicidade.

A lágrima vinculada ao sentimento de dor permeia a vida das protagonistas no decorrer de suas trajetórias terrenas. São mulheres que idealizaram o amor romântico, batalharam pela conquista da felicidade, do prazer, do amor fora do ambiente familiar na qual estavam inseridas, mas não obtiveram êxito, tornaram-se insatisfeitas e infelizes. O futuro para elas é incerto, do passado restam apenas as lembranças, os sonhos são impossíveis. O presente pressupõe o sofrimento, portanto, são marcadas pela dor e pelas lágrimas.

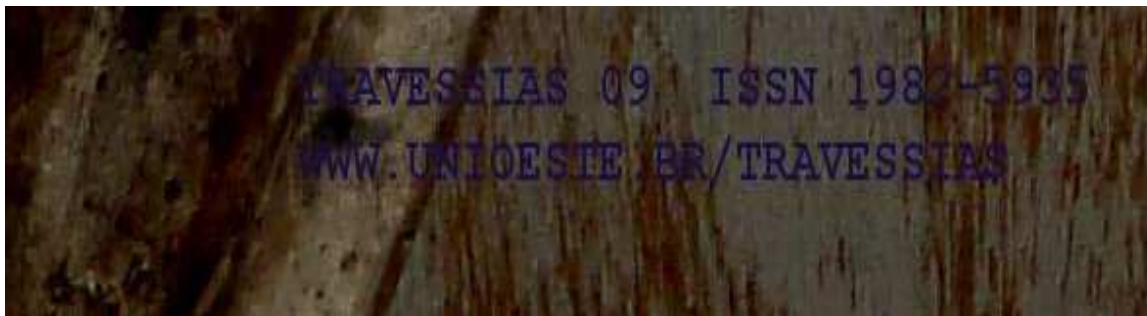
O Presente; tem o rosto da Memória esculpido em sua cabeça, a faculdade pela qual a mente recorda o que aconteceu, o Passado e se olha no espelho: a previdência, a faculdade pela qual se vê algo que está para acontecer, antes que aconteça o Futuro (ALMEIDA, 1999, p. 104).

A memória está nítida no tempo presente por meio das lembranças, o passado é visualizado nas recordações, ou seja, o presente é o reflexo do passado, em que a partir deste é possível visualizar como será o futuro.

O sofrimento no tempo presente ressalta as marcas do passado fulgentes na memória das protagonistas em questão, portanto, a dor em excesso exerce a função de ensinar-lhes a virtude, o caminho do bem, da sabedoria e da cura. A cura interior, do corpo e da alma, por meio da dor se completa pela intervenção purificadora das lágrimas. A separação dos amantes no término das obras, a infelicidade, são fatores consentidos por Deus, é a religiosidade sofredora, ou seja, Deus permite o sofrimento para que este sirva como aprendizado, em que, por intermédio da dor e das lágrimas é possível atingir a redenção dos pecados espirituais e corporais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Silvana Nath  
Acir Dias da Silva



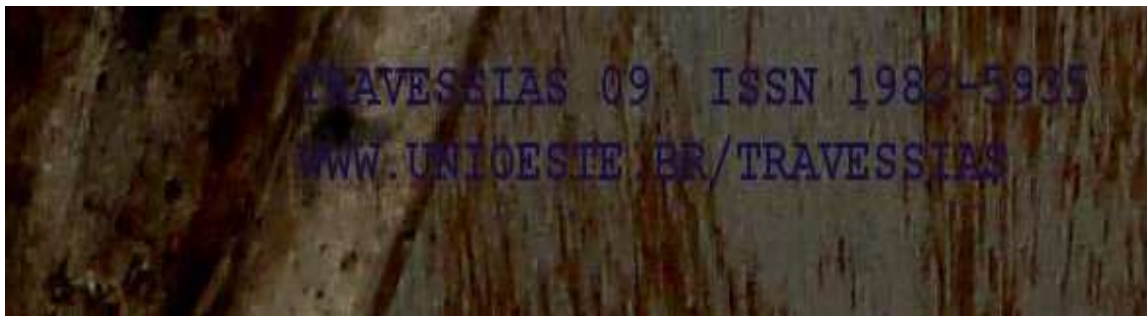
As obras literárias e fílmicas em questão pertencem a contextos históricos e momentos literários diferentes, mas convergem para a exploração de temas semelhantes, como: o desenvolvimento da vida moderna, a dominação burguesa, a denúncia da visão preconceituosa e hipócrita da sociedade quanto à moral e a religiosidade, a situação social da mulher, a busca pelo prazer e a idealização do amor que culmina para momentos intensos de dor, lágrimas, renúncia e, por fim, ao desfecho trágico, a morte.

A morte será o rompimento com o passado, a libertação espiritual, é o fim, o encontro com seu “eu interior”. Na perspectiva da religiosidade pode ser a busca da natureza divina em que por meio da purgação em vida, seja possível atingir a redenção e a cura para o corpo e para a alma, ou seja, Ana, Marguerite e Lúcia visualizam através da morte a possibilidade de regeneração e renovação da vida terrena, ou seja, a purificação da alma e do corpo ao alimentarem a crença de que há possibilidade de vida após a morte.

Eis que vos revelo um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta (porque a trombeta soará). Os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista da imortalidade (I Cor. 15: 51 – 53).

Esta compreensão bíblica as leva a crer na possibilidade de mudança, de redenção, fator que intensifica o anseio e a entrega à doença, suicídio no caso de Ana. Morrem jovens na busca pelo acesso a uma nova vida, que as livre da desilusão, da culpa, da negligência da vida frente ao pecado, dos vínculos, dos sentimentos terrenos, do pessimismo inevitável e das lembranças do passado que atormentam a alma. Na perspectiva de atingir a ascensão da alma e do espírito, para abrir espaço na construção e na vivência de uma vida digna e pura. A morte, então, é a alternativa encontrada por muitas pessoas para eliminar a angústia interior, o sofrimento e a doença do espírito e do corpo.

A dor provoca a inquietude do ser, tira-lhe a paz e a tranqüilidade da sua alma, ou seja, “a destruição da razão é total quando as lágrimas correm e os soluços sufocam” (VINCENT-BUFFAULT, 1988, p. 65). Por mais que as protagonistas tentem se mostrar ativas, seu interior está marcado pela dor, pelo sofrimento que sufoca suas lágrimas e as impede de emanar para fora



de seu corpo, causando-lhe um desespero intermitente, pois não querem acreditar no destino para o qual suas vidas estão culminando.

Porém, o sentimento melancólico absorve internamente Ana, Marguerite e Lúcia no momento final da obra fílmica, se torna uma perda do interesse pelas coisas do mundo terreno, portanto, é “um desaparecimento gradual do eu, uma perda de si mesmo. Não é simplesmente a desistência de um objeto desejado, é a transformação do próprio desejo em uma forma de conformar-se diante da impossibilidade de satisfação” (JAREK, 2006, p. 59 – 60). A melancolia que invade as protagonistas, não está relacionada a perda concreta de um elemento ou objeto, mas é a perda da sua representação em momentos da vida, são as coisas, as pessoas, que passam a não ter mais sentido no mundo. Passam a meditar sobre si mesmas e sobre o mundo, visualizam a injustiça e a desordem, mas não têm a capacidade de lutar pela mudança e nem mesmo de superar suas perdas, portanto, o vazio que as domina representa a verdade que encontraram sobre a vida e sobre o mundo.

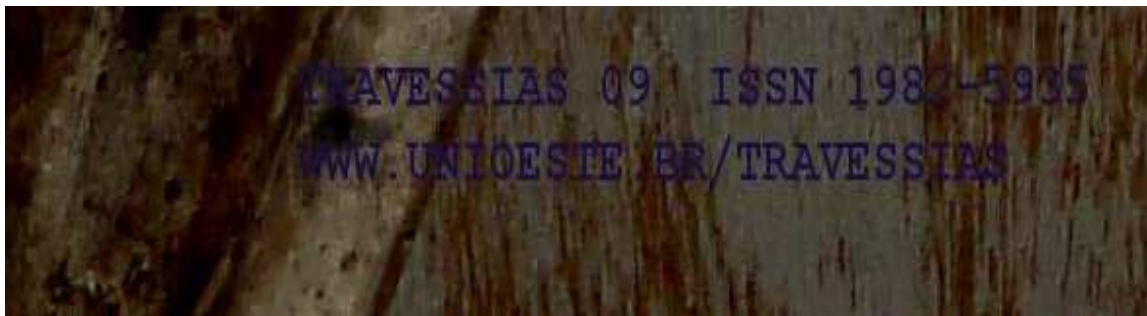
A descoberta da verdade as leva a romper com os valores mundanos, religiosos e sociais, na perspectiva de conduzir a humanidade para a reflexão e abominação dos valores tidos como ideais e perfeitos.

Portanto, a tragicidade final funciona como aprendizado tanto para as heroínas quanto para as telespectadoras, o amor impossível, o final infeliz, a emoção, o sentimentalismo, são características que de certa forma reportam para o período romântico e que estão presentes no desencadear das obras *Anna Karenina*, *A Dama das Camélias* e *Lucíola*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALENCAR, José. **Lucíola**. São Paulo: Martin Claret. 2002.
- ALMEIDA, Milton José. **Cinema: Arte da memória**. São Paulo: Campinas: Autores Associados, 1999.
- BARBOSA, Andréa. Significados e sentidos em textos e imagens. In: BARBOSA, Andréa. CUNHA, Edgar Teodoro da. HIKIJI, Rose Satiko Gitirana (orgs.). **Imagem-conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2009.
- BENJAMIM, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.





\_\_\_\_\_. **Origem do Drama Trágico Alemão.** Edição, apresentação e tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo, SP: Paulus, 1973.

DUMAS, Alexandre. **A Dama das Camélias.** Trad. Regina Célia de Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2008.

DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro.** Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

JAREK, Márcio. **Entre a hesitação e a ação:** a melancolia, o barroco e a literatura em Walter Benjamim. Curitiba: PUCPR, 2006. 101 p. Dissertação de Mestrado. Curso de Filosofia. Curitiba, 2006.

\_\_\_\_\_. Entre a hesitação e a ação: a subjetividade melancólica na *Origem do Drama Barroco Alemão*. Disponível em: <http://www.gewebe.com.br/pdf/acao.pdf> . Acesso em: 19 de abril de 2010.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema:** os dois lados da câmera. Trad. Helena Márcia Potter Pessoa. RJ: Rocco, 1995.

LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas.** 3ª Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

PHILIPPE, Marie-Dominique. **O amor** – Na visão filosófica, teológica e mística. Trad. Celeste Magalhães Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOLSTÓI, Leão. **Ana Karenina.** Trad. João Gaspar Simões. 1ª Ed. RJ: 1971

VIANA, Lúcia Helena. **Cenas de amor e morte na ficção brasileira:** o jogo dramático da relação homem-mulher na literatura. Niterói: EdUFF, 1999.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **História das lágrimas:** séculos XVIII – XIX. Trad. Luiz Marques, Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

YATES, Frances A. **A arte da memória.** Trad. Flavia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

#### **Filmografia:**

*Anna Karênina.* Direção: Julien Duvivier, Inglaterra, 1948.

*Lucíola.* Direção: Alfredo Sternheim, Brasil, 1975.

*Dama das Camélias.* Direção: Mauro Bolognini, Itália/França, 1981.

#### **Ilustrações:**

Ilustração 1: Fotograma de Ana nos trilhos do trem. *Anna Karênina.* Direção: Julien Duvivier, Inglaterra, 1948.

Ilustração 2: Fotograma do filme *Anna Karenina.* *Anna Karênina.* Direção: Julien Duvivier, Inglaterra, 1948.